



Centro Universitário de Brasília- UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas- FATECS

BÁRBARA CRISTINA PINELLI REZENDE

“SOCIEDADE DE IGUAIS?”:

Vídeo documentário sobre relações de gênero no Brasil contemporâneo

Brasília

2017

BÁRBARA CRISTINA PINELLI REZENDE

“SOCIEDADE DE IGUAIS?”:

Vídeo documentário sobre relações de gênero no Brasil contemporâneo

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB) como
pré-requisito para obtenção de Certificado
de Conclusão de Curso de Graduação em
Jornalismo. Orientador: Lourenço Cardoso

Brasília

2017

BÁRBARA CRISTINA PINELLI REZENDE

“SOCIEDADE DE IGUAIS?”:

Vídeo documentário sobre relações de gênero no Brasil contemporâneo

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB) como
pré-requisito para obtenção de Certificado
de Conclusão de Curso de Graduação em
Jornalismo. Aluno: Bárbara Cristina Pinelli
Rezende. Orientador: Lourenço Lima
Cardoso

Brasília, 24 de novembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.: Lourenço Lima Cardoso, Me.

Orientador

Prof^a.: Carolina Assunção Alves, Dr.

Examinadora

Prof.: Frederico Castilho Tomé, Me.

Examinador

Dedico esse trabalho ao meu avô Dorival Monteiro, que faleceu em julho, quando me preparava para começar a produção do documentário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e me mostrar os melhores caminhos a serem seguidos. Aos meus pais, Silvia Pinelli e Nelson Rezende, por conseguirem proporcionar uma faculdade particular para mim, pois todos nós sabemos que não é fácil e tão pouco, barato. Por me apoiarem sempre em minhas escolhas e decisões e por desejarem sempre o melhor para mim. Ah, e por serem os melhores pais do mundo.

Ao meu namorado, Cesar Augusto Ventura, por me aturar em momentos de estresse e desespero. Por sempre me motivar, falando que eu era capaz e que tudo ia ficar bem.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo do meu curso e que levarei para vida toda: Ana Clara; Anna Carolina, que inclusive me ajudou com o tema; Angélica; Letícia; Matheus e Talita, e todos os meus colegas de sala, que agregaram de alguma forma em minha vida.

Agradeço ao Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal, por ser meu primeiro local de trabalho e por me acolher como estagiária, me ensinando inúmeras coisas, que guardarei e levarei para sempre em minha profissão. Por me apresentar pessoas incríveis como Carol, Cris, Inácia, Rubens e Sandra. Aos meus chefes, Waltoedson Dourado e Hélder Gondim, muito obrigada.

Ao meu orientador, Lourenço Cardoso, que dei muito trabalho, admito, porém não desistiu de mim e me acolheu. Sempre me ajudou e me auxiliou quando precisei. E obrigada por ter confiado em meu potencial.

Toda a equipe técnica do UniCEUB, em especial Davi, Marcelo, Cleiton, Wagner e Ronald, pela ajuda que me deram do começo até o final do meu trabalho, sem vocês, esse trabalho não existiria.

E meu agradecimento especial, para todas as mulheres incríveis que fizeram parte do meu documentário, que toparam participar e me ajudar, sem pensar duas vezes.

Lembrem-se: Vocês podem tudo. Vocês são fantásticas.

“Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?”

(Frida Kahlo)

RESUMO

O memorial em questão expõe a produção e a base teórica para a criação do vídeo documentário “Sociedade de Iguais?”, que retrata depoimentos de personagens mulheres, de idades e profissões variadas, no Distrito Federal, sobre como é ser mulher em nossa sociedade. O trabalho aborda diversas questões bastante discutidas, com desigualdades de gênero, assédio, violência doméstica, os padrões estabelecidos desde crianças, representatividade feminina, as dificuldades que as mulheres passam todos os dias, bem como as conquistas já alcançadas, além de trazer dados atuais sobre os temas.

Palavras-chave: Documentário; Mulher; Sociedade; Dificuldades; Conquistas; Direitos; Distrito Federal

SUMÁRIO

1 Introdução	09
2 Tema	10
3 Objetivos	11
3.1 Objetivo Geral	11
3.2 Objetivos Específicos	11
4 Objeto	12
5 Justificativa	13
6 Referencial Teórico	15
6.1 Gênero	15
6.2 Documentário	18
7 Metodologia	20
7.1 Pré-Produção	20
7.2 Produção	21
7.3 Decupagem e edição	22
8 Diário de Bordo	28
9 Considerações finais	30
Referências Bibliográficas	31
Apêndice A – Roteiro	32

1 Introdução

Todos nós nos deparamos com situações diversas todos os dias. Essas, por sua vez, podendo ser negativas ou positivas. Em casa, no trabalho, na faculdade e até mesmo em locais públicos. No meu caso em especial, por ser mulher, diariamente me deparava com dificuldades e barreiras ainda maiores. Um dia inocente, que se torna rotina para muitos indivíduos, para mim, se tornava uma batalha.

Voltando para casa um dia, me deparei com uma cena, que na verdade se repetiu várias vezes e se repete até hoje, onde vários homens olhavam para uma mulher que caminhava, como se a mesma fosse uma vitrine de loja, onde você para, analisa, olha e cria uma sensação de desejo, como se a mulher fosse um objeto.

Diante dessa situação, ausentei-me do mundo individual que vivemos diariamente e comecei a reparar as pessoas ao meu redor. Avistei mulheres, que com certeza vivenciavam as mesmas coisas que eu e muitas delas, situações piores que as minhas.

Desde aquele dia, percebi que não era um dia de luta e batalha apenas para mim, mas para todo o coletivo de mulheres.

A partir de então, com o objetivo de dar voz as mulheres e mostrar para os expectadores uma grande luta coletiva de forma dinâmica, o vídeo documentário “Sociedade de Iguais?” surge com a ideia de expor depoimentos de mulheres diversas, especificamente do Distrito Federal, que contam suas histórias de vida, ideologias, experiências e conquistas. Mostram, na visão delas, o que é ser mulher.

Os depoimentos mostram a força feminina de diversas formas, inclusive diante de inúmeras situações diárias, como por exemplo o simples fato de andar na rua ou até mesmo suas convivências dentro de casa, com a figura paterna, materna ou com o próprio parceiro. Mostram também as conquistas constantes de espaço e evoluções ao longo de todos os anos.

2 Tema

Vídeo documentário sobre relações de gênero no Brasil contemporâneo, com depoimentos de mulheres do Distrito Federal.

3 Objeto

O produto em discussão envolve o planejamento, criação e realização da produção de um vídeo documentário com depoimentos de mulheres no Distrito Federal.

Primeiramente, a busca bibliográfica para a base teórica, relacionadas a questões de gêneros, machismo, preconceitos, padrões, crescimento feminino, busca de dados atuais para contextualização com as falas das personagens do trabalho, bem como conceitos sobre documentário e classificações.

A segunda etapa caracteriza-se pela produção das entrevistas marcadas com antecedência com equipamento de filmagem.

Por último, a produção do vídeo documentário caracterizado pela decupagem das entrevistas, seleção de imagens de corte, desenvolvimento de roteiro e edição.

4 Objetivos

4.1 Objetivo Geral

Produzir um documentário com depoimentos de mulheres no Distrito Federal de forma contextualizada, retratando a visão das mesmas, sobre como é ser mulher em nossa sociedade.

4.2 Objetivos Específicos

- Selecionar as personagens pelo Distrito Federal;
- Coletar dados sobre temas relacionados;
- Marcar as entrevistas;
- Formular perguntas com referências ao tema;
- Decupar todas as entrevistas;
- Escolher as imagens que farão parte do projeto final do Documentário;
- Elaborar um roteiro com as sonoras selecionadas, para facilitar a edição final;

5 Justificativa

Todos os anos, inúmeros estudos e pesquisas mostram problemáticas em nosso país relacionadas ao público feminino, sejam relacionadas a violência doméstica, sobre assédio, mercado de trabalho entre outras. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha divulgada no dia Internacional da Mulher em 2017, uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência no Brasil no último ano. Por hora, 503 mulheres, foram vítimas de violência física.

Com relação ao assédio, 40% das mulheres, acima de 16 anos, no período de janeiro a dezembro de 2016, sofreram algum tipo de assédio, como comentários desrespeitosos, assédios físicos dentro de transportes públicos ou atitudes sem o seu consentimento.

Em meio a tantas problemáticas, a luta das mulheres cresce diariamente e encontramos muitas delas que discutem e que criam debates, batalhando sempre pelo seu devido espaço. Sem dúvida, é perceptível a ascensão das mulheres, em várias áreas, como por exemplo no mercado de trabalho e no empreendedorismo. Segundo o Sebrae, 52% dos novos empreendedores, aqueles com menos de três anos e meio de atividade, são mulheres. Porém, a caminhada é longa e é algo que devesse persistir.

Quando nos deparamos com tais pesquisas, sempre nos prendemos aos números. Porém, é de extrema importância, dar cara e voz a essas mulheres, fazendo com que as mesmas, não se tornem apenas estatísticas. O objetivo é escutar essas mulheres e expandir os debates e discussões, com ajuda de um vídeo documentário.

A opção de utilizar um documentário para retratar esse assunto, surgiu quando em meu terceiro ano de faculdade, mais precisamente no sexto semestre, estudei uma disciplina chamada Telejornalismo II. Encantei-me com o mundo audiovisual, após produzir o documentário chamado “A falta que me faz”, que contava um pouco sobre o abandono familiar.

Desde então, percebi uma grande paixão por esse tipo de produto, uma vez que o documentário oferece a possibilidade de trazer vários personagens, de uma forma dinâmica e visual, com histórias diferentes, ideologias diferentes.

O autor Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao Documentário*, cita:

O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer. A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2010, p.73)

Assim, trazer várias personagens, sem padrões, mostrando ideologias e histórias distintas, que “defendem basicamente o mesmo argumento, mas de perspectivas claramente diferentes e, portanto, com vozes claramente distintas” (NICHOLS, 2010, p.73)

Muitas pessoas me falaram “Esse tema já está ultrapassado, todo mundo já fez algo sobre”. Porém, enquanto tiverem mulheres sofrendo preconceitos de variados aspectos em nossa sociedade, esse assunto sempre será pauta e motivo de discussão.

6 Referência Teórica

6.1 Gênero

Desde cedo, moldes são estabelecidos de várias formas. É muito comum encontrarmos diferenças nos comportamentos entre meninas e meninos. Comportamentos por sua vez, considerados espontâneos. Se nós analisarmos esses comportamentos, iremos notar que, em geral, ensinamentos como cuidados domésticos (lavar louça, arrumar quarto, varrer o chão, etc), são destinados à meninas, enquanto os meninos não possuem tais tarefas como rotina do dia a dia. De acordo com a pesquisa “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências”, da Plan Internacional, feita com brasileiras entre 6 e 14 anos, em 2014, mostra que 81,4% delas arrumam a própria cama e apenas 11,6% dos meninos fazem o mesmo.

De acordo com o livro #MeuAmigoSecreto, “os comportamentos naturais ou imprimidos como parte da essência feminina são, na verdade, construções sociais, ou seja, frutos de processos históricos e culturais.” (LARA et al., 2016, p.17)

O livro destaca também:

Os brinquedos que definimos como “de menino” e “de menina” também ensinam muito às crianças sobre o papel que se espera que elas desempenhem. Compramos bonecas, casinhas, fornhos e espelinhos para as meninas, treinando-se para a tradicional função de mães e donas de casa e incentivando sua vaidade. Enquanto isso, os brinquedos voltados para os meninos costumam estar ligados aos esportes, à construção e aos super-heróis. Quando expressam interesse por brinquedos do gênero oposto, as crianças têm seus desejos repreendidos por meio de frases como “isso não é coisa de menina/o” ou “menina/o não gosta disso. (LARA et al., 2016, p.19)

Muitas vezes, as construções sociais são disseminadas pelas próprias pessoas dentro de casa, como pais, mãe e familiares. O artigo “A distinção dos gêneros na construção social do ser, repetindo a educação junto ao grande Sertão de Rosa” diz:

O adulto tem conceitos sociais construídos ao longo da trajetória de vida, ele vai sendo dividido em si mesmo, ao ser definido como um gênero, uma vez que ao nascer a criança não se sabe homem ou mulher, ele está no mundo, mas ainda não se encontra com o

mundo. Após a construção e internalização desses moldes, o Ser que já passou pela etapa de escolarização e já tem muita coisa definida dentro de si, começa a perpetuar os conceitos e contribuir para moldar as crianças, dessa forma vão propagando que a menina deve brincar de boneca, casinha, vestir rosa, o menino deve gostar de azul, brincar de carrinho e blocos de construir. (FERREIRA; JÚNIOR, 2014, p. 5)

As construções sociais, que trazem diferenças entre homens e mulheres, carregam implicações para os desenvolvimentos dos indivíduos, acarretando na desigualdade com relação a divisão de poderes e que desenvolvem, conseqüentemente, desigualdades de gênero das variadas formas.

Como instituição social, o sistema de gênero não apenas cria diferenciações entre machos e fêmeas humanos, ensinando-os a serem homens e mulheres, como confere status de diferentes a um e a outro. Se é verdade que o gênero restringe as escolhas tanto aos homens quanto das mulheres, repreendendo aqueles que adotam comportamentos tidos como pertencentes ao gênero oposto, é verdade também que ele confere maior valor às condutas impostas aos homens, em detrimento daquelas impostas às mulheres. (LARA et al., 2016, p. 26)

Sendo assim, as atividades exercidas por mulheres, ficam em segundo plano, quando comparado com as atividades exercidas pelos homens.

As ocupações tradicionalmente femininas, nas quais características como o cuidado com o outro e o apreço pelas coisas do lar são valorizadas, por exemplo, não concedem poder às mulheres. (LARA et al., 2016, p. 26)

Quando colocamos em pauta questões relacionadas a gêneros, surgem inúmeras discussões. Uma delas é a violência, que nos mostra e expõe, de forma ampla, as desigualdades utilizando homens e mulheres como referências.

O livro *Diferentes, não desiguais*, destaca:

A violência está diretamente associada ao poder. Dito de outra forma, está ligada à possibilidade de alguém impor sua vontade, sem consentimento, sobre a vontade do outro. Isso pode ser feito de diversas formas: por meio de agressão física, chantagem, pressão psicológica ou ataque moral – ou ainda impedindo que o outro exerça seus direitos. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 54-55)

O poder, na maioria das vezes, possui a imagem masculina como modelo. Um poder, que muitas vezes se impõe sobre a imagem feminina. “O sistema de gênero em vigor em nossa sociedade valoriza o masculino a tal ponto que ele é considerado universal. De acordo com o Lins, Machado e Escoura, “o homem é o padrão.” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 54-55)

Uma pesquisa realizada pelo Datafolha, mostra que 503 mulheres foram vítimas de agressão física por hora, em 2016, no total de 4,4 milhões vítimas no ano. Dentre as que sofreram a violência, 61% conhecia o agressor, 19% eram companheiros atuais e 16% ex companheiros.

As mulheres possuem também uma grande dificuldade com relação ao mercado de trabalho. De acordo com o artigo **Desigualdades de Gênero: uma revisão narrativa:**

A identidade masculina está ancorada no trabalho, pois o trabalho para o homem se constitui em conduta considerada necessária para que ele possa ser reconhecido como sujeito digno e de bom caráter. Nesse sentido, o trabalho possibilita as condições necessárias para o cumprimento de deveres e obrigações dos homens, permitindo, dessa forma, que eles consigam assumir suas responsabilidades de manter, proteger e cuidar da família.(MATTOS et al., 2015, p. 5)

Com relação ao mercado de trabalho, a mulher ainda se depara com outros problemas, como tratamento desigual, o fato de poder engravidar, cargos inferiores e remuneração diferenciada.

Em contrapartida, a realidade laboral experimentada pelas mulheres sofre influências marcantes de gênero, não somente em aspectos relacionados à dupla jornada de trabalho, mas também pela distribuição dos tipos de tarefas e dos postos de trabalho. Mesmo quando as mulheres conquistam as mesmas ocupações que os homens, existem diferenças significativas: os homens ocupam os cargos mais valorizados e recebem melhores salários.(MATTOS et al., 2015, p. 5)

Diante de todas essas situações vividas pelas mulheres, a força feminina vem em um processo de ascensão. De acordo com o artigo: **Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina:**

É inegável as desigualdades entre mulheres e homens, a exemplo no mercado de trabalho que ainda hoje apresente salários diferenciados conforme o gênero, e as teóricas feministas trataram de desvendar esse processo desigual e denunciar através de suas reivindicações que as condições de vida e trabalho das mulheres são inferiores as dos homens. Todavia, o que desejamos problematizar é que mesmo em situações opostas e desiguais, homens e mulheres não podem ser identificados como dominadores e dominados, uma vez que gênero e poder são relações historicamente construídas, podem ser questionadas, mudadas e transformadas. (COSTA; SILVERA; MADEIRA, 2012, p. 17)

Essas relações historicamente construídas, podem ser questionadas, mudadas e transformadas. São essas atitudes de transformação que notamos no

movimento das mulheres, ao longo dos anos. Conseguimos enxergar, o avanço das mulheres. De acordo com o artigo Costa, Silvera e Madeira:

As sociedades contemporâneas foram definindo papéis e funções diferenciadas aos sujeitos conforme a identidade de gênero. A posição da mulher em outras organizações sociais, como o período colonial e imperial brasileiro, era resguardada a condição de propriedade do pai e, por conseguinte do marido, sem direitos políticos, econômicos e sociais. Essa desigualdade foi se afirmando em nosso país, e mulheres e homens ocupando diferentes lugares sociais, fato que, como sinalizamos anteriormente, **tornou-se bandeira de luta do movimento feminista e de mulheres.** (COSTA; SILVERA; MADEIRA, 2012, p. 17)

6.2 Documentário

A definição de um documentário, não é uma tarefa tão simples. O documentário não pode se resumir a uma palavra só. Poderíamos chamar o documentário de “conceito vago”. Bill Nichols em seu livro Introdução ao documentário diz:

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução. (NICHOLS, 2010, p. 47-48)

Em geral, documentários não possuem regras, estilos ou formas e se apresentam com configurações diferentes. Porém, Nichols faz uma diferenciação entre documentário e ficção.

A voz está claramente relacionada ao estilo, à maneira pela qual um filme, de ficção ou não, molda seu tema e o desenrolar da trama ou do argumento de diferentes formas, mas o estilo funciona de modo diferente no documentário e na ficção. A ideia da voz do documentário representa alguma coisa como “estilo com algo mais”. Na ficção, o estilo deriva principalmente da tradução que o diretor faz da história para a forma visual, dando a essa manifestação visual da trama um estilo distinto de sua contrapartida escrita na forma de

roteiro, romance, peça ou biografia. No documentário, o estilo deriva parcialmente da tentativa do diretor de traduzir seu ponto de vista sobre o mundo histórico em termos visuais, e também de seu envolvimento direto no tema do filme. Ou seja, o estilo da ficção transmite um mundo imaginário e distinto, ao passo que o estilo ou a voz do documentário revelam uma forma distinta de envolvimento no mundo histórico. (NICHOLS, 2010, p. 74)

No livro *Introdução ao documentário*, Nichols ainda identifica seis modos de representação, que funcionam como classificações do documentário. São eles: modo poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo expositivo presume uma voz que diretamente se comunica com o espectador ou utilização de legendas. Os filmes que desfrutam do modo expositivo, possuem a voz de Deus, um orador que nunca aparece, só se ouve. O modo poético explora o mundo histórico como modelo, utiliza o cotidiano como seu utensílio de trabalho e depois o modifica, trazendo formas abstratas, como uma de suas características, saindo do convencional.

O modo observativo, como o nome já diz, possui apenas a observação, sem interação e sem interferência da equipe e do cineasta. Os atores sociais interagem entre eles. O modo reflexivo demonstra questionamentos sobre o documentário propriamente dito. Traz uma análise sobre como documentário foi feito e construído.

O modo performático utiliza questões subjetivas e afetivas e explora uma complexidade do conhecimento e dos significados. O modo participativo tem o objetivo de transmitir a experiência de presenciar tal situação. Esse modo traz uma interação maior entre o tema e o autor, utilizando entrevistas.

Analisando todos os modos destacados no livro *Introdução ao documentário*, utilizei em meu projeto final, “Sociedade de Iguais?”, o modo Participativo. Porém não utilizo minhas entrevistas explícitas em meu projeto final, trazendo um pouco do modo observativo. De acordo com Nichols, como características do modo participativo:

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; tomam o nome de “anamnese” na medicina e no serviço social; na psicanálise, tomam a forma de sessão terapêutica; em direito, a entrevista toma-se o processo prévio de “colher meios de prova” e,

durante julgamentos, o testemunho; na televisão, forma a espinha dorsal dos programas de entrevista; no jornalismo, assume tanto a forma de entrevista como de coletiva para imprensa; e na educação, aparece como diálogo socrático. Michel Foucault argumenta que todas essas formas incluem formas regulamentadas de troca, com uma distribuição desigual de poder entre cliente e profissional da instituição, com raízes na tradição religiosa da confissão. (NICHOLS, 2010, p. 160)

E acrescenta:

Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem. (NICHOLS, 2010, p. 160)

7 Metodologia

7.1 Pré-produção

Quando eu estava fazendo meu sétimo semestre de faculdade, eu já tinha em minha cabeça que queria fazer algo diferente em meu projeto final. Ao longo de todo o curso, me deparei com produções distintas. Produção de texto, produção de reportagem, produção fotográfica, produção para TV, etc. Minha paixão por documentário falou mais alto.

Confesso que fiquei um pouco perdida no começo e acabei prejudicando o meu tempo. Porém quando chegou o momento de iniciar o meu projeto, fui com convicção e tudo fluiu perfeitamente. Desde o começo, reservei ilha de edição e cinegrafistas com antecedência, para que não tivesse problema com falta de vagas ocupadas por outros alunos, com o mesmo propósito.

Procurar os personagens sempre foi um desafio para mim. Por isso, pedi ajuda para algumas amigas, que eu sabia que me poderia me ajudar. Pensei qual cara eu queria que o documentário tivesse e então pensei “Várias mulheres, sem restrição”. Então comecei a pensar em áreas que o machismo talvez predominasse. Pensei no jornalismo, na música, no esporte, entre motoristas de motoristas de carro e ambientes diversos, como a faculdade. Comecei a ir atrás de mulheres que pudessem fazer parte desse projeto, aos poucos, até chegar nas minhas personagens principais.

Todas foram bastante receptíveis e toparam sem pensar duas vezes em participar do meu projeto, para a minha felicidade.

Antes de começarmos a gravar, fui até a equipe técnica do UniCEUB e conversei com o Wagner, que foi muito atencioso e que já tinha experiência com documentários. Inclusive, um amigo de curso, César Raizer, que produziu um documentário para o projeto final dele, sobre Transgêneros, havia me recomendando esse cinegrafista.

Conversamos sobre o tema, mostrei para ele o vídeo que eu tinha como referência e ele ficou muito animado. Fiquei confiante por ter uma pessoa extremamente profissional ao meu lado.

7.2 Produção

Fiquei bastante ansiosa para que as gravações começassem. Achei que não seria capaz de aguentar. No total, eu tinha 7 personagens, com entrevistas marcadas. Formulei mais ou menos 20 perguntas sobre o tema para as personagens. A primeira entrevista, eu reservei a câmera no UniCEUB e gravei sozinha, pois os cinegrafistas não trabalham finais de semana. Pedi para que o técnico do UniCEUB me ensinasse a utilizar a câmera e fui.

Cheguei muito nervosa, pois em outros trabalhos que produzi documentário, tinha uma equipe muito grande de produção. Dessa vez, era eu sozinha, fazendo tudo. Sempre me preocupei com a filmagem e com a qualidade da imagem, sempre em busca de um trabalho de qualidade. Como estava sozinha, essa preocupação foi ainda maior.

De acordo com Guy Gauthier, em *O documentário: um outro cinema*, ele caracteriza a filmagem como:

Ela não garante a qualidade de um filme, mas garante, ao menos, a autenticidade de sua relação com o real. Ela não garante o acesso ao real, mas dá conta de uma vontade de aceder a ele. Ela não é fuga do imaginário que se insinua a todo momento, na escolha de uma tomada, ou enquadramento de um plano, ela é controle de um imaginário que o cinema romanesco acabou impondo como um substituto da realidade. Ela não é fuga da ficção - que é a marca do

homem no mundo -, mas fuga das mistificações em todos os gêneros. Ela é uma maneira de viver filmando, o que não impede de sonhar. (GAUTHIER, 2011 p. 133)

Tudo ocorreu muito bem. A filmagem e o áudio ficaram ótimos. A partir da segunda entrevista, eu tive a presença do cinegrafista Wagner, que me deixou mais tranquilizada. Foram mais ou menos duas semanas de filmagem. Todas as entrevistas com dias e horários marcados. No total, 9 personagens. Duas, encontramos no caminho das nossas filmagens que toparam ajudar e que agregaram muito ao projeto final.

Entre as entrevistas, tiramos um dia para fazer imagens de corte pela cidade. Fomos para a Rodoviária e para a Universidade de Brasília. As imagens de corte acabaram não entrando no documentário, pois achei que não precisava.

7.3 Decupagem e edição

Estipulei um prazo para que todas as entrevistas estivessem realizadas e decupadas. Dia 8 de outubro. E consegui, dia 8 de outubro, estava tudo pronto, para podermos editar. Todas as entrevistas que fazia, eu já começava o processo de decupagem, para que tudo estivesse pronto. Foi muito difícil decupar as minhas entrevistas, pois eu tinha um limite de tempo estimado pelo meu orientador Lourenço, porém minhas personagens traziam muitos conteúdos bons. Tive que deixar de lado várias falas interessantes.

Começando a edição, o editor Cleiton teve muita paciência comigo. Tive muita dificuldade de juntar todas as falas e fazer com que elas tivessem sentido juntas. Criar conteúdo dentro do documentário, não foi tarefa fácil.

Passamos mais ou menos uns 3 ou 4 dias tentando fazer essas ligações. Criamos um documentário com essas ligações que fiz nesses dias, porém não fiquei satisfeita. Só pensava em desistir. Até que um dia, de noite, em casa, eu peguei todos os meus papéis de decupagem e fui criando novas ligações. Nem acreditei, quando vi que meu documentário realmente tinha começado a tomar forma.

No dia seguinte, cheguei bastante animada e pedi para o Cleiton criar um novo documentário, deixando aquele dos primeiros dias de lado. Cleiton foi juntando todas as falas que eu passei para ele e utilizamos algumas partes do outro documentário para complementar. Quando vi o resultado da junção, eu fiquei muito feliz. Era realmente aquilo que eu queria. As outras falas que estavam no suposto primeiro documentário foram embora.

A segunda parte do documentário começou quando desenvolvemos dentro do documentário, blocos de conteúdo, que traziam transições com dados atuais sobre o tema. Eu já possuía os dados, pois havia procurado antes de começar a produção. Cleiton então começou a fazer as transições, que davam muito trabalho, com imagens e dados, para contextualizar o documentário.

Depois procuramos na internet músicas, que não tivessem direitos autorais e escolhemos uma para estar presente do documentário. “Composer–Michael Johnson.” Começamos então a colocar os nomes das personagens ao longo do documentário.

O último dia de edição, dia 27 de outubro, fizemos a abertura com imagens das personagens respondendo a pergunta “O que é ser mulher para você?”, colocamos os créditos e colocamos pela primeira vez o nome do documentário “Sociedade de Iguais?”, que remete a fala de uma das personagens. Finalizamos assim, o documentário “Sociedade de Iguais?” como muito sucesso.

8 Diário de bordo

Pesquisando na internet, principalmente no Youtube, acompanhando vídeos sobre o tema, encontrei um vídeo do canal Énois Inteligência Jovem, chamado “#Meninapodetudo - Machismo e violência contra a mulher na juventude” que abordava temas muito importantes com depoimentos de meninas jovens, de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Salvador e Porto Alegre.

A ideia foi selecionar mulheres de diversas áreas de atuação e sem definição de um padrão, para mostrar as variadas opiniões, experiências e ideologias. Através do Facebook, pedi ajuda para uma amiga, que também estuda jornalismo e ela me passou alguns contatos de personagens que poderiam ajudar.

Entrei em contato pelo Facebook com a ‘Batalha das Gurias’, um coletivo de meninas fundado com o intuito de encorajar e visibilizar as meninas no espaço musical do Rap, pois muitas não se sentiam confortáveis de **rimarem e batalharem** com os homens. Quem me respondeu foi a Isis Aisha, que faz parte da equipe de comunicação da batalha e me informou que eu poderia gravar minha entrevista no encontro mensal que elas faziam e que no mês de setembro, aconteceria em Sobradinho 1.

O encontro aconteceria dia 24 de setembro, domingo, às 15h. Reservei a filmadora no UniCEUB, pois os cinegrafistas só trabalham nos dias da semana. Minha mãe me acompanhou e fomos ao encontro das meninas na praça Teodoro Freire. Chegamos por volta das 14h, pois Isis me informou que eu poderia gravar minha entrevista antes ou depois da batalha, preferi antes, para ter uma luz melhor. Quando chegamos, não tinha ninguém. Mandeí mensagem, pois cogitei a ideia de estar no lugar errado, porém descobri que havia um problema com o som e que elas iriam se atrasar. Esperamos até 16h e elas chegaram.

Antes de começar a batalha, pedi autorização para começar a gravar e Aisha me ajudou a escolher duas meninas para fazer a entrevista.

Primeiro entrevistei **Bárbara Isabele**, 19 anos, uma das fundadoras do coletivo. Ela contou que depois que a começou a batalha que acontece frequentemente no Museu da República, com a presença majoritariamente,

masculina, as meninas tiveram vontade de criar um grupo só de mulheres e com isso, o coletivo já vai para o quinto ano.

Elas escolheram um dia para se reunir, que seria todo último domingo do mês e começaram, no Museu da República. Depois começaram a fazer em outros locais e cidades satélites. Porém o objetivo é ter um local fixo novamente.

A entrevista foi rápida, apesar de dizer que não lidava muito bem com entrevistas, Bárbara falou muito bem sobre sua experiência no rap, sobre o preconceito vivido por ser mulher e sobre os padrões estabelecidos desde pequena.

A segunda entrevista foi **Karina Souza**, de 21 anos, que já frequentava várias batalhas de rap pelo Distrito Federal, porém, pela primeira vez, estava presente na Batalha das Gurias. Karina contou que mesmo sendo nova, passou por experiências difíceis em sua vida, como por exemplo a violência doméstica quando era noiva. As duas entrevistas foram muito representativas. Depois das entrevistas, acompanhamos a batalha de rap que acontecia e fomos embora.

A terceira entrevista aconteceu no dia 26 de setembro, terça-feira, às 16h. Pesquisando vídeos, encontrei uma matéria que falava sobre o preconceito dentro do futebol, relacionado a mulheres. Na matéria em questão, o foco era uma mulher, que era técnica de arbitragem. Pensei em alguns nomes relacionados ao esporte aqui no Distrito Federal e conversando com meu pai, ele me sugeriu falar com a Secretária de Esporte do Distrito Federal, **Leila Barros**, 43 anos. Entrei em contato com a assessoria de imprensa da Secretária e analisaram a agenda dela. Assim, marcaram para o dia 26, às 16h. A assessoria me informou que ela poderia me atender apenas 30 minutos.

Como a entrevista era em um dia de semana, fui até o UniCEUB um dia antes e reservei a equipe de cinegrafistas para poderem me acompanhar. No dia 26, cheguei às 15h20 no UniCEUB para pegar a equipe de filmagem acompanhada do meu pai. Chegamos na Secretaria de Esporte, localizada no Centro de Convenções Ulisses Guimarães, por volta de 15h40. A Secretária nos atendeu 16h em ponto.

Muito simpática, ela respondeu todas as perguntas e contou um pouco sobre sua trajetória como secretária de esporte e descreveu sua passagem no esporte,

mais especificamente no vôlei. Fiz o número de perguntas que caberiam no tempo de 30 minutos, porém ela cedeu mais 15 minutos para outras perguntas. Saímos de lá e deixamos o cinegrafista no CEUB, por volta de 17h

Minha amiga Thais Terra, me passou o contato de duas jornalistas, Amanda Carvalho e Basília Rodrigues, que poderiam me ajudar concedendo uma entrevista, para falar um pouco sobre o preconceito e assédio no meio jornalístico. Entrei em contato com as duas ao mesmo tempo pelo Facebook mesmo. A primeira a me respondeu foi a **Amanda Carvalho**. Conteí para ela sobre o tema do meu trabalho e se ela poderia me ajudar.

Amanda topou na hora em fazer a entrevista. Assim, a quarta entrevista aconteceu dia 27 de setembro, às 17h, quarta-feira, no serviço de Amanda, no Setor de Indústrias Gráficas, Edifício Barão do Rio Branco. Deixei reservada a equipe de cinegrafistas um dia antes. No dia, 16h20 cheguei no UniCEUB para buscar a equipe. Chegamos no local as 16h50.

Amanda já estava me esperando. Gravamos em uma sala de reunião. Amanda é freelance em uma empresa. Ela contou um pouco sobre a experiência dela como jornalista, passando por várias redações no Distrito Federal. O preconceito e o assédio sempre foram bastante presentes em sua vida, passando por situações até de ganhar menos do que um homem, em funções iguais. Foi uma entrevista rápida, porém muito satisfatória. Saímos do SIG e voltamos para o CEUB, onde deixei o cinegrafista por volta de 18h15.

No dia seguinte, dia 28, quinta-feira, eu e Wagner, cinegrafista que me acompanhou todos os dias, resolvemos fazer algumas imagens de corte pela cidade, para poder compor o documentário, se necessário. Foi um dia bem atípico. Busquei o cinegrafista no CEUB às 14h e fomos para as redondezas da Rodoviária. Fizemos imagens de corte durante 1h e retornamos para o CEUB, onde eu tinha uma entrevista marcada para às 15h, com **Luiza Moreira**.

Uma amiga minha, chamada Ana Maria Martínez, que se tornou personagem mais tarde, me passou o contato de várias meninas conhecidas que poderiam falar sobre esse assunto. Entrei em contato com todas, porém consegui marcar entrevista apenas com a Luiza Moreira, devido ao choque de horários, meus e das outras meninas.

No dia 28, logo depois de fazer as imagens de corte, chegamos ao CEUB e Luiza já nos esperava no local mais conhecido pelos alunos como Bosque, sentada em um banquinho. Ela nos recebeu e escolhemos um ambiente para começarmos a entrevista. Luiza, estudante de Direito, faz parte do Coletivo Lua, do UniCEUB, um coletivo que tem como objetivo unir alunas e alunos interessados em debates sobre feminismo, questões LGBTQ e de gênero.

Ela contou algumas experiências de vida, como ter passado por um relacionamento abusivo, sobre sua infância e criação e sobre até casos de machismo dentro de sala de aula, cometidos pelo próprio professor. Logo após a entrevista de Luiza, eu e o cinegrafista Wagner, fomos novamente atrás de imagens de corte, escolhemos ir até a Torre de TV.

Chegando lá, estacionei e descobrimos que as lojinhas que ficam lá, só abriam em finais de semana. Quando olhamos para frente, avistamos uma motorista de van sozinha e resolvemos ir até ela. Perguntamos se ela tomaria dar uma entrevista para gente e ela topou. Seu nome: **Sandra**.

A entrevista de Sandra foi a mais curta de todas, porém, com conteúdo forte. Em um de seus depoimentos, ela conta que o pai dos seus filhos uma vez bateu nela e para se defender, Sandra deu uma facada nele. Ela diz “Se eu ficasse quieta, eu ia viver apanhando dele”. Disse que sofre muito preconceito por ser motorista mulher, mas que largou a profissão de enfermeira, para ser motorista, com o apoio do filho.

Agradecemos a entrevista e nos despedimos de Sandra. Resolvemos então, ir para Universidade de Brasília, fazer as últimas imagens de corte. Wagner filmou a universidade, as pessoas, especialmente as alunas. Enquanto caminhávamos pela universidade, resolvemos abordar uma menina que estava caminhando com sua amiga. Perguntamos se elas topavam participar e uma delas aceitou. **Lara Lis**, 17 anos, ficou super animada com o tema e a entrevista aconteceu ali mesmo.

Lara contou um pouco sobre a criação machista que teve dentro de casa, afetando não só a ela, como sua mãe e sua avó. Ela relatou um acontecimento de assédio que ela passou nesse mesmo dia dentro de um transporte público, indo para o trabalho. Um rapaz começou a passar nela, as partes íntimas dele. Ela disse que ficou com medo de acontecer algo mais sério, se falasse ou fizesse alguma coisa, para impedir o ato. Terminamos nossa entrevista e Lara foi para sua aula do curso

de Serviço Social. Fizemos mais algumas imagens de corte e terminamos o dia. Retornamos ao CEUB mais ou menos 19h.

Já citada, **Ana Maria** me ajudou com alguns contatos de personagens, uma delas, Luiza. Ana acabou se transformando em uma personagem ao final do trabalho. No dia 29 de setembro, sexta-feira, o único horário que Ana podia gravar a entrevista era de manhã. Aproveitei que sexta eu só trabalho na parte da tarde, acordei 7h30, me arrumei e fui para o CEUB. Fui até o meu bloco, 12, e encontrei com o cinegrafista que já me esperava. Ana veio me encontrar por volta de 8h30 e fomos até o bloco 8, onde possuía um jardim muito bonito para gravação. Ana desenvolveu a entrevista muito bem, trazendo reflexões muito boas.

Ana contou várias experiências de sua vida, como por exemplo um relacionamento abusivo, porém optou por não entrar muito em detalhes, por ser um assunto bastante delicado. Contou que quando era pequena, seu pai, lhe presenteou com um spray de pimenta, para se defender na rua, já que Ana tinha o costume de andar muito sozinha. Disse também que teve muitos problemas com o corpo e com aceitação, uma vez que ela possuía padrões em sua mente, preestabelecidos.

Amanda Carvalho foi a primeira jornalista que me respondeu. **Basília Rodrigues** a segunda. Basília topou me ajudar e marcamos algumas datas para a entrevista. Porém, devido alguns imprevistos, ela precisou desmarcar. A data final que marcamos foi o dia 6 de outubro. E a última entrevista aconteceu. A entrevista foi marcada para 13h. Fui até o CEUB buscar o cinegrafista e partimos para CBN, Central Brasileira de Notícias, onde Basília trabalha.

Chegamos lá, no edifício Assis Chateaubriand e aguardamos Basília chegar. Ela chegou e disponibilizou vários locais para que pudéssemos gravar. Wagner, cinegrafista achou a luz de uma sala de reuniões interessante e então, gravamos lá. Basília, com sua experiência jornalista, contou que o ambiente jornalístico é extremamente machista, mas que as mulheres vêm crescendo nesse espaço aos poucos.

Enquanto eu gravava as entrevistas, eu já reservava um tempo para as decupagens, para que nada atrasasse. Depois de gravar todas as entrevistas pretendidas e com todas as entrevistas devidamente decupadas, fomos para edição.

As edições começaram no dia 9 de outubro, todos os dias de tarde. De 13h às 19h. Passei mais ou menos duas semanas com o editor Cleiton, juntando as falas, para que elas tivessem lógica e ligação. Criamos 'blocos', para que pudéssemos organizar o documentário por temas, todos seguindo uma ordem. Depois de juntar as falas, criamos as transições, com dados atuais sobre os temas abordados, para que tenha uma dinâmica entre um bloco e outro. As últimas edições usamos para colocar os detalhes finais, como música, créditos, nomes das personagens e fazer a abertura.

O último dia de edição foi dia 27 de outubro, para ajustes finais. Nesse dia, eu escolhi o nome do documentário. Desde então, o documentário está concluído, para a apresentação final.

9 Considerações finais

De acordo com o livro #Meuamigosecreto:

O problema não está em identificar-se como homem e mulher, independentemente da genitália. O problema é a forma como o sistema de gêneros como constituição social cria uma hierarquia, colocando os homens em uma posição superior à das mulheres. (LARA et al., 2016, p.33)

Desde pequenos, padrões são estabelecidos para crianças. Pelas formas de se vestir, pelos brinquedos e pelas atitudes. Frases como, “Menino não chora”, “Isso é coisa de menina” e “Isso é coisa de menino”, são escutadas com frequência.

Esses padrões acabam trazendo consequências para todos. Principalmente para as mulheres. A desvalorização do feminino é uma realidade. A desigualdade de gênero é algo bastante presente em nossa sociedade.

Com isso, o documentário em questão tem como finalidade, abordar temas como assédio, representatividade feminina, machismo, violência doméstica, padrões, evolução das mulheres e conquistas, por meio de depoimentos concretos. Busca também, mostrar para as pessoas, o rosto e a voz de algumas mulheres que se transformam em números em pesquisas variadas que encontramos por ai. Traz a reflexão e o debate sobre tais assuntos.

Me orgulho de todo o trabalho envolvido nesse projeto. Muita dedicação e esforço. Me orgulho muito por poder trazer esse trabalho, com esse tema e trazer mais discussões e debates. Me orgulho por todas as mulheres, que assim como eu, lutam diariamente. Me orgulho por perceber, que aos poucos, estamos crescendo. A luta das mulheres é diária. As conquistas são perceptíveis. Porém, não acabou. Ainda temos muito que conquistar.

“Nós vamos, nós somos.” – Bárbara Isabele, personagem do documentário “Sociedade de Iguais?”

Referências Bibliográficas

COSTA, Renata Gomes; SILVERA, Clara Maria Holanda; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina.** 2012.

FERREIRA, Elan Cavalcante da Fonseca; JÚNIOR, Walter Pinheiro Barbosa. **A distinção dos gêneros na construção social do ser, refletindo a educação junto ao grande Sertão de Rosa.** 2014.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema.** 1 ed. Campinas: Papyrus, 2011. 432 p. (Coleção Campo Imagético).

LARA, Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. **#MeuamigoSecreto: feminismo além das redes sociais.** 1 ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. 254 p.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016. 142 p.

MATTOS, Amália Ivine Santanda; CORDEIRO, Técia Maria Santos Carneiro; ARAÚJO, Tânia Maria; ALMEIDA, Maura Maria Guimarães. **Desigualdades de gênero: uma revisão.** 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** 5 ed. Campinas: Papyrus, 2010. 272 p. (Coleção Campo Imagético).

Apêndice A – Roteiro

Quadro 1: “Sociedades de iguais?”

CENA 1 Ana Maria (cena diminuiu)	ÁUDIO “Pra mim ser mulher, é ser um indivíduo que está em constante luta todos os dias, contra o machismo, contra a opressão que a gente vive.”
CENA 2 Karina Souza (cena diminui)	“Na minha opinião, é um prazer. Apenas de toda dificuldade, apesar de toda batalha, apesar de todo machismo”
CENA 3 Lara Lis (cena diminui)	“Ter conhecimento das coisas e desconstruir tudo isso, e perceber sua verdadeira força, uma força que tava sempre escondida dentro de você
CENA 4 Luiza Moreira (cena diminui)	“As dificuldades que a gente passa e tudo, então acho que ser mulher é ser forte.”
CENA 5 Amanda Carvalho (cena diminui)	“Principalmente de ter que estar sempre lutando pra poder ocupar um lugar, que é nosso por direito”
CENA 6 Bárbara Isabele (cena diminui)	“Você sabe ser uma mulher ou uma menina, imatura, pelo jeito de se portar, as atitudes dela perante ao mundo, eu acho que isso faz uma mulher ou um homem.”
CENA 7 Basília Rodrigues (cena diminui)	“Eu acho quessa pergunta muito difícil de responder, é muito subjetivo. O que é ser mulher pra mim? É um máximo.”
CENA 8 Leila Barros (cena diminui)	“O que eu defino mulher é isso, amor, altruísmo e superação, sempre.”
TELA PRETA TÍTULO: Sociedade de iguais?	SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)

TELA PRETA	
CENA 8 Ana Maria	“Eu acho que toda mulher já teve medo de andar na rua, tem medo de andar na rua, aqui perto da faculdade. Eu lembro que quando eu era mais nova, meu pai me deu um spray de pimenta para eu andar na rua. Pq a gente vive em um constante medo. A gente houve histórias de mulheres que são assediadas, a gente houve cantada na rua o tempo todo, e isso é naturalizado.”
CENA 9 Amanda	“Um dia desses eu vi um meme bobo mas que falava ‘Você prefere que o diabo esteja atras de você ou um homem. E as pessoas respondiam o diabo, por que o homem a gente sempre tem medo, por mais a pessoa esteja bem aparentada, do que vai fazer, a gente fica preocupada”
CENA 10 Karina CENA 11 Basília IMAGEM: Mulher na multidão Texto: 40% das mulheres já sofreram	“É muito difícil você andar nas ruas e se sentir um pedaço de carne sabe? Isso é muito difícil, mas é isso, é bater de frente com isso” “Eu não tenho medo de andar nas ruas, por que acho que se alguém vier pra cima de mim eu vou reagir, entendeu? Apenas isso, que tenham medo de mim. Eu posso me dar muito mal um dia em bater de frente com as pessoas, mas eu preciso sair de casa, sem medo e achar que meu santo é forte, e que vai dar tudo certo” SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)

algum assédio	
CENA 12 Lara Lis	“Hoje mesmo eu fui assediada. Eu tava no ônibus e um cara começou a esfregar as partes íntimas dele e mim e eu não consegui fazer nada, por que eu tinha medo dele fazer alguma coisa comigo”
CENA 13 Amanda Carvalho	“Na verdade o que me deixa mais entristecida, é que os assédios, a maioria foram morais, eu nunca sofri um assédio sexual e todos eles vieram de mulheres, eu nunca tive um assédio moral de um homem”
CENA 14 Karina	“Eu tenho 21 anos, mas eu já fui noiva muito cedo, então eu sobrevivi a violência doméstica. E é por isso que hoje eu faça parte do movimento feminista pra isso, para evitar com que outras mulheres, passam por isso também.
CENA 15 Sandra IMAGEM: Mulher com mão no rosto Texto: 503 mulheres foram vítimas de violência física no último ano	“O pai dos meus filhos uma vez me bateu. E você fez o que? Sério? Eu dei uma facada nele. Se eu tivesse ficado quieta, eu ia viver apanhando dele.” SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)
CENA 16 Karina	“Quando você vai crescendo independente se sua família é conservadora ou não, você vai tendo um pensamento, aí você vai ter que decidir se você vai querer ser conservadora ou se você vai querer

	ser livre, e eu decidi ser livre”
CENA 17 Ana Maria	“Então, acho que toda mulher tem uma grande dificuldade com isso, desde nova é imposto pra gente, que a gente siga um determinado padrão, que na verdade esse padrão não existe”
CENA 18 Lara	“Eu sempre fui criada no meio de muitos homens, então algumas coisas machismas, viraram algo natural pra mim, por exemplo, não fazer determinado tipo de coisa por ser mulher, ter que abaixar a cabeça quando o homem tá falando, essas coisas, é, e isso virou natural até quando eu percebi que isso era injusto, tanto comigo, com minha mãe e minha avó.
CENA 19 Bárbara	“Eu já joguei bol,a eu já joguei em time feminino, então eu ouvia muito desde pequena, as formas que eu não poderia ser.
CENA 20 Luiza	“Eu sempre fui de brincar na rua, não gostava muito dessas brincadeiras de comidinha, essas coisas, que acaba que reforça um padrão, tipo a menina vai brincar de boneca por que ela vai ser mãe um dia, sendo que ninguém é obrigado a ser mãe, nem toda mulher quer ser mãe. Ou então a menina vai brincar de comidinha, por que ela tem que aprender a cozinhar, não pra ela, mas pro marido, pra casa, então acaba reforçando esse padrão mesmo.
CENA 21 Bárbara TELA PRETA	“A gente nunca vai ter todos os moldes do mundo e eu acho que nossa missão é encontrar um lugar que vai aceitar a gente do jeito que a gente é. E não mudar por causa dos outros, e o rap fez isso comigo.

<p>TEXTO: O machismo é o preconceito mais praticado o Brasil</p> <p>TEXTO: Expressões apontadas como as mais ouvidas</p>	<p>SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)</p>
<p>CENA 22</p> <p>Bárbara</p> <p>CENA 23</p> <p>Bárbara</p>	<p>“O sistema é patriarcal, então ele sempre vai incentivar o machismo, mesmo que indiretamente.”</p> <p>“É algo construído de antes, sabe não é uma coisa que a minha geração ou a sua vai ter controle e mudar agora o que já foi feito sabe?”</p>
<p>CENA 24</p> <p>Leila</p>	<p>“Eu acho que tá impregnado na nossa cultura, assim como é que eu vou mudar, se isso vem dos meus ancestrais. Eu pego muito meu marido”</p>
<p>CENA 25</p> <p>Leila</p>	<p>“Falando pro filho dele, olha você não pode chorar por que você é homem. Isso aí você percebe claramente, que isso é da natureza, da nossa cultura, ficar enaltecendo essa coisa de segurar emoções, de não mostrar fraqueza, ou vai lá e enfrente por que você é homem.”</p>
<p>CENA 26</p> <p>Ana Maria</p>	<p>“Eu acredito que tá mais difícil ser machista, no mundo que a gente tem hoje em dia. A gente tem uma ascensão da luta das mulheres muito forte, tanto é que a mídia deve que se adaptar tudo isso, a gente vê por exemplo a propaganda da skol, que é uma cerveja historicamente machista, que sempre colocou mulheres seminuas para servir os homens, esses dias eu vi uma reportagem no facebook, falando que eles mudaram o marketing deles e agora as mulheres são servidas por homens, entendeu? Eu acho que tá mais difícil ser machista, não sei se diminuiu ou</p>

Ana Maria	empoderada, não se sente sujeito da luta, por que é isso que a mulher tem que ser colocada, como um sujeito e a gente é vista como objeto. Então a partir do momento que a gente se coloca, como um sujeito empoderado, com poder de mudar, é ai que a gente começa a mudar essa cultura do machismo.
<p>CENA 31</p> <p>Basília</p> <p>IMAGEM: Mulheres</p> <p>TEXTO: Representatividade</p>	<p>“Eu acho que o empoderamento feminino é uma forma de você apresentar pra todo mundo, em especial para as mulheres, que elas são capazes, então quando uma mulher vai, ela tem que esticar o braço, é meu pensamento, ela tem que esticar o braço pra tras e puar outra e assim, uma ajudando a outra, juntas, elas vão ter, uma noção melhor, de que conseguem super qualquer desafio.</p> <p>SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)</p>
<p>CENA 32</p> <p>Amanda</p>	<p>“Eu acredito que é a falta de representatividade, eu acho que as mulheres não conseguem chegar tão fácil lá, eu lembro também muito claramente deu estar em uma editoria executiva, no mesmo cargo de uma outra pessoas e eu ganahr menos que ela, isso me deixava bastante frustrada.</p>
<p>CENA 33</p> <p>Luiza</p>	<p>“Eu acho que podia na escola, mostrar que tiveram cientistas também, escritoras, por que a gente sempre aprende com homens né? Sempre é, escritores homens da literatura, ou então cientistas, unica que eu me lembro de ter escutado na escola foi Marie Curry, mas com certeza tem outras, então acho que isso também podia influenciar deixar</p>

	as meninas mais representadas mesmo.
CENA 34 Ana Maria	“Acho que no primeiro ponto, a escola é omissa e mentira, quanto a história, eu não lembro de ter estudado mulheres, que fizeram parte e mudaram a história de verdade, eu não lembro de ter estudado como realmente, como eram as famílias antigamente, por que a gente viveu uma época da história no comunismo primitivo.
CENA 35 Ana Maria IMAGEM: Mulher indígena TEXTO: Em 2016, mulheres passaram a ocupar 44% das vagas	“E eu não lembro de aprender isso na escola, então acho que a escola reforça isso, eu não lembro de aprender na escola que 8 de março, não é por que mulheres morreram queimadas em NY, foi por que mulheres russas iniciaram uma revolução russa, fazendo greve em fábricas. Então eu acho que a escola no momento que ela mente, a história pra gente, so coloca homens sempre como salvadores, como líderes mundiais, eu acho que ela também tira isso, a escola não promove debate de feminismo SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)
CENA 36 Leila	“Eu acho que nós estamos em um processo de evolução, nós estamos avançando nesse sentido, eu acho que da minha geração pra cá, dos anos que eu iniciei pra cá, obviamente que o voleibol, o esporte feminino do Brasil, ele começou a obter mais resultados, maiores investimentos, não vou dizer que seja igual, algumas modalidades existe uma discrepância muito grande, por

	exemplo o futebol masculino e o feminino”
CENA 37 Leila	<p>“Mas eu acredito que a nível geral, de Brasília pra Brasil, a gente tem melhorado bastante, existe uma diferença, mas ela já não é tão assim, gigante, como no passado, eu te digo isso por que eu senti isso no passado, e hoje eu vejo principalmente assim, volei, no atletismo, no handball que as meninas foram campeãs mundiais, no basquete com os resultados que elas obtiveram no passado, algumas modalidades assim vem crescendo, outras como não são tradicionais do público feminino, as mulheres sofrem mais, mas elas tem buscado aos poucos melhorar resultados, buscado espaço e eu acredito que a mídia tem ajudado isso</p>
CENA 38 Basília	<p>“Infelizmente essa pauta, sobre o quanto a mulher é vítima de preconceito no jornalismo, é cada dia mais comum, mas o crescimento das mulheres também, então é tipo um augos e um avanço, da vítima, ao mesmo tempo que o que faz mal cresce, a superação dele acompanha da mesma proporção</p>
CENA 39 Ana Maria	<p>“As mulheres estão em uma constante luta de conquista de espaço e essa luta vem aumentando muito, então eu não acho que a gente atingiu aonde a gente quer chegar”</p>
CENA 40 Lara	<p>“A gente conquistando, as pessoas não querem que a gente conquiste, mas a gente ta empurrando essa barreira aos poucos.”</p>

<p>IMAGEM: Mulher pintada</p> <p>TEXTO: Qual o seu maior sonho?</p>	<p>SOBE O SOM:</p> <p>Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)</p>
<p>CENA 41</p> <p>Karina</p>	<p>“Meu maior sonho? É desenvolver o rap, claro, usando o lado feminino, e me formar, sem ninguém machismo, sem ninguém me titular, sem ninguém me rotular, seguirminha vida”</p>
<p>CENA 42</p> <p>Lara</p>	<p>“Ter o máximo de conhecimento possível, principalmente nos espaços que falaram que não era possível está lá entendeu? É construir uma família também, e criar uma família justa, que eu passe meus conhecimentos, pras minhas futuras gerações, e que isso faça com que esses preconceitos vão acabando pouco a pouco”</p>
<p>CENA 43</p> <p>Bárbara</p>	<p>“ A equidade né? Acho que se a gente for falar de movimento femininino, a equidade é o que, o desejo de todas, assim, é o que a gente quer, uma sociedade igualitária, que enteda a diferenã de todos, mas que seja igual para todos. Então acho que essa é a utopia não é?”</p>
<p>CENA 44</p> <p>Ana Maria</p>	<p>“Meu sonho é viver em outra sociedade, uma sociedade onde as mulheres possam andar nas ruas livres, onde elas possam ganham o mesmo salário que os homens, onde elas não sejam diminuidas por ser taxadas como bonitas demais ou como feias demais, onde elas não tenham um padrão estabelecido assim, então o meu maior sonho é viver e uma sociedade de iguais.</p>
<p>CENA 45</p>	

Luiza	<p>“Que todas as mulheres possam ser livres para fazer o que elas quiserem e se sentirem sabe, não ter medo, acho que ser livre é, uma frase de uma cantora famosa, Nina Simone, ser livre é você não ter medo, é você poder andar na rua a noite sem ter medo de sofrer nenhum tipo de violência, você ter sua fala respeitada no ambiente de trabalho, você poder ser mulher assim e ter igualdade”</p>
<p>CENA 46</p> <p>Basília</p> <p>TELA PRETA</p>	<p>“Como mulher, o que meu maior sonho é servir de exemplo, e convencer outras meninas, que sejam em especial da periferia de que elas são capazes de alcançar todos os sonhos. Onde dizem que elas não podeme entrar, talvez amanhã o espaço seja somente delas. Então eu acho que como mulher o meu maior sonho é servir como um exemplo, para que outras meninas que eu tenho certeza vão ter mais oportunidades do que eu queiram enfrentar esses obstáculos, não se amedontrar, não ficar em casa, não se satisfazer com qualquer emprego ou com o resto que tem para os outros, que ela possam chegar ao topo.</p> <p>SOBE O SOM: Música: Composer - Michael Johnson (Instrumental)</p>
<p>CENA 47</p> <p>KARINA</p>	<p>“Poesia”</p> <p>Direção, roteiro e produção Bárbara Rezende</p> <p>Imagens Bárbara Rezende</p>

	<p>Wagner Moreira</p> <p>Auxiliar Técnico Eliomar Gomes</p> <p>Música Composer (Miguel Johnson)</p> <p>Edição Cleiton Mota</p> <p>Supervisão Técnica Davi Santos</p> <p>Entrevistados Amanda Carvalho Ana Maria Martinez Bárbara Isabele Basília Rodrigues Karina Souza Lara Lis Leila Barros Luiza Moreira Sandra Silva</p> <p>Orientador Lourenço Cardoso</p> <p>Coordenador do Curso de Jornalismo Henrique Moreira</p> <p>Agradecimentos Ana Maria Martinez Anna Carolina Peres César Raizer César Ventura Cleiton Mota Davi Santos Isis Aisha Nelson Rezende Silvia Pinelli Thais Terra Loureço Cardoso Wagner Moreira</p> <p>Em especial aos entrevistados</p> <p>Sociedade de Iguais? Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação</p>
--	--

	em Jornalismo

Fonte: Elaborado pelo autor.